



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

MEMÓRIAS, CONHECIMENTOS E LITERATURA NA ESCOLA INDÍGENA GUARANI NHANDewa

ARAÚJO, Rita de Cássia de – UEM
rita19cassia@hotmail.com

DEOSTI, Aline – UEM
deostialine@hotmail.com

FAUSTINO, Rosângela Célia – UEM

rofaustino@terra.com.br

NOVAK, Maria Simone Jacomini – UEM
simojacomini@bol.com.br

Área Temática: Diversidade e inclusão

Agência Financiadora: Programa Universidade Sem Fronteiras/SETI-PR

Resumo

O presente texto apresenta resultados de pesquisa, estudos e intervenções pedagógicas que se desenvolvem junto aos grupos Guarani Nhandewa do norte do Paraná. Estas fazem parte de um Projeto de Extensão intitulado *Ouvir dos velhos, contar aos jovens: memórias, histórias e conhecimentos Guarani Nhandewa no Paraná*, financiado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras/Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná. Por meio de uma metodologia participativa, o projeto tem como objetivo registrar a memória dos velhos habitantes das Terras Indígenas Laranjinha, Pinhalzinho e Iyaporã, sistematizá-las e apresentá-las às crianças e jovens das aldeias por meio de intervenções pedagógicas que contribuam com a ampliação, registro e disseminação dos conhecimentos nativos.

Palavras-chave: Conhecimento Indígena. Educação Escolar Indígena. Literatura Guarani Nhandewa.

Introdução

Esse texto apresenta resultados parciais de estudos e pesquisas que estão sendo realizadas em um Projeto de Extensão, intitulado *Ouvir dos velhos, contar aos jovens: memórias, histórias e conhecimentos Guarani Nhandewa no Paraná* no período de 2009 a 2010, recebendo financiamento do Programa Universidade Sem Fronteiras/SETI-PR, proposto e desenvolvido pelo Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações da Universidade Estadual de Maringá. Contando com pesquisadores bolsistas de diferentes áreas

do conhecimento, tem como objetivo registrar as histórias e conhecimentos narrados por velhos Guarani Nhandewa das terras Indígenas Pinhalzinho, Laranjinha, Ivyporã e Araiwerá no Paraná, sistematizar os relatos e apresentá-las às crianças e jovens em intervenções pedagógicas nas escolas indígenas Guarani Nhandewa, bem como, publicar materiais didáticos de leitura.

A proposição do Projeto considerou a relevância dos estudos, pesquisas e intervenções pedagógicas acerca da cultura Guarani Nhandewa no Paraná tendo em vista a história e organização sócio-cultural desse povo em relação às transformações ocorridas na história da sociedade brasileira e na política indigenista nos últimos anos.

Os grupos Nhandewa que habitam as Terras Indígenas do Norte do Paraná não falam mais o Guarani como língua materna, porém existem alguns velhos falantes do idioma, os demais membros dos grupos têm a língua portuguesa como L1. Assim, se justifica a importância da construção de uma escola indígena que contribua com a elaboração e sistematização de uma pedagogia que consiga inserir o etnoconhecimento no currículo escolar valorizando a relação educação, cultura e participação indígena.

Apresentamos a proposta do projeto extensionista, incluindo seus objetivos e metodologia, a fim de expor como está sendo desenvolvido, enfatizando seu propósito de salvaguardar a memória e a cultura Guarani Nhandewa e dissimilá-la por meio de intervenções pedagógicas diversificadas com a participação da comunidade. Para uma melhor compreensão do projeto, fazemos um breve histórico das comunidades, com a finalidade de conhecer e compreender a constituição da sociedade guaranítica. Por fim, refletiremos acerca da atual identidade indígena Guarani Nhandewa, considerando as transformações ocorridas em sua organização social.

Os Guarani Nhandewa no Paraná

No Paraná, segundo dados da FUNASA (2004), os Guarani são uma população de aproximadamente 2.608 habitantes, vivendo em 09 das 18 Terras Indígenas no Estado. Os Guarani pertencem ao tronco lingüístico tupi sendo subdivididos em, pelo menos, parcialidades distintas: os Nhandewa, os Kaiowa e Mbya.

Os grupamentos Guarani tem origem nos territórios compreendidos pelo atual sul do Brasil tendo tido, desde os princípios do processo de colonização, contato com os Jesuítas por meio do projeto de instrução e evangelização. No período de 1608 a 1768, formaram-se as

chamadas “reduções jesuíticas” no Paraná e Santa Catarina sendo que nos séculos XVI e XVII cerca de 356.720 índios foram tornados escravos. Antes da chegada dos colonizadores, os Guarani estabeleciam relações e trocas com outros povos indígenas sendo que a realidade histórica destes povos é permeada pelas relações inter-étnicas e interculturais o que denota a constante elaboração e reelaboração cultural.

Para os Guarani, o território habitado, chamado *Tekohá* tem uma importância fundamental no seu modo de organização. Segundo Almeida e Mura (2003), o *Tekohá*, ou seja, a terra, mato, campo, águas, animais e plantas representa o espaço físico onde se realiza a vida guarani, o *Teko* (modo de ser guarani). É nesse espaço que se dão as relações familiares, atividades religiosas, econômicas, etc. Neste e em outros estudos (NIMUENDAJU, 1987) pode-se perceber que o *Tekohá* deve ser um lugar que reúna condições físicas (geográficas e ambientais) e estratégicas adequadas à vida de todo o grupo com suas famílias extensas.

Considerando que as condições adequadas à vida Guarani não são facilmente encontradas após a ocupação de seus antigos territórios pelas frentes de colonização, os grupos guarani desenvolvem uma série de estratégias (mobilidade, alianças, retomadas de territórios tradicionais) para garantirem o *teko* (modo de ser guarani).

O *Tekohá* vem passando por muitas mudanças na medida em que os territórios foram sendo continuamente diminuídos. Segundo Almeida e Mura (2003), este processo promoveu uma interrupção da continuidade territorial com a qual esses indígenas estavam habituados, o que interferiu sobremaneira nas relações sociais dessa população. Conforme os autores, antes da ocupação nos moldes da sociedade européia, não havia delimitação clara de espaço entre essas populações, elas viviam conforme as regras do *teko*, as delimitações eram dadas através de elementos geográficos como rios, montanhas, nascentes, vegetação e relações com outros grupos indígenas. A partir da ocupação tiveram que repensar seu território intercambiando ações provenientes da lógica indígena e não-indígena.

Neste processo, os Nhandewa do norte do Paraná foram reduzidos há poucos grupos familiares sendo forçados à ampliar alianças com os não-índios ou indígenas de outras etnias via casamentos. Esta estratégia, somada à redução dos territórios, às mudanças e ou transferências forçadas por conflitos internos, o desmatamento, o abandono das práticas religiosas da *casa de reza* com a entrada de ordens religiosas protestantes nas aldeias (BARROS, 2003), a busca de trabalho nas cidades contribuiu para que os Nhandewa

deixassem de falar a língua Guarani e, conseqüentemente de produzir e reproduzir parte de suas tradições (FAUSTINO, 2006).

As Terras Indígenas envolvidas no estudo são T. I. Laranjinha situada a quatro quilômetros do município de Santa Amélia, norte do Paraná, onde vivem cerca de 230 pessoas, em 35 famílias, T. I. Pinhalzinho, município de Tomazina na qual vivem cerca de 170 pessoas em 20 famílias, T.I Yvyporã e Araywera situada em um território retomado recentemente próximo a T.I. Laranjinha, bem como alguns membros aparentados, dos grupos destas Terras que na T.I. Nimuendaju, antigo Posto Araribá. Entre estas Terras há uma rede de parentesco e afinidade, o que gera trânsito de famílias pelas TIs mencionadas.

A retomada de um antigo território, o chamado Posto Velho (Terras Indígenas Yvyporã e Araywerá) é fator relevante entre os grupos tendo dinamizado as relações familiares pois conseguiram retomar um elo de ligação com seus antepassados que lá estão enterrados, revitalizar memórias e histórias antigas relacionadas ao *Tekoha* antigo. Apesar da delimitação em áreas, sempre que possível buscam circular entre as Terras e os lugares de onde foram afastados. Este fenômeno encontra explicação na organização do espaço territorial dessa etnia (Almeida e Mura 2003).

A procedência do grupo Nhandewa do Paraná é variada, autores (MOTA 2004; TOMMASINO, 1991, 2002; ALMEIDA, 1981) mostram que os grupos possuem antecedentes relacionados com possíveis remanescentes dos grupos que foram reduzidos pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII e que, depois da destruição destas reduções, ficaram dispersos nas florestas da região; com os Guarani Kaiowa que foram trazidos por funcionários do Império para a província do Paraná a partir de 1852 sendo alocados nos aldeamentos de São Pedro de Alcântara e Santo Inácio; com os Nhandewa originários do Mato Grosso e Paraguai que tentavam chegar ao litoral e acabaram fixando-se ali; com os Guarani dos vários grupos que foram aldeados, por Curt Nimuendaju, no Posto Indígena Araribá no Estado de São Paulo nos anos de 1912/1913 e trazidos para a T.I. Laranjinha-PR no período de 1930 e 1940.

A T.I. Laranjinha está inserida numa região de agricultura totalmente mecanizada voltada para produção de grãos (milho, soja) e, mais recentemente, o algodão, na qual a utilização de mão-de-obra é quase inexistente. A cidade mais próxima é Santa Amélia, um pequeno município de 4.000 habitantes com Índice de Desenvolvimento Humano de 67,366%, segundo Mota (2004), um dos piores índices do Estado do Paraná, não oferecendo

quase nenhuma oportunidade de emprego e renda a seus habitantes. Inseridos nessa conjuntura e vivendo numa área restrita de 284 hectares, os indígenas Guarani vivem muitas dificuldades que geram tensões constantes, causadas, principalmente, pela disputa dos poucos empregos existentes na área e pelo acesso às roças que não são suficientes para todas as famílias.

A extensão da área é de 117 alqueires que se dividem em pequenas roças (destinadas às famílias por sorteio para minimizar os conflitos em relação à distância da roça e qualidade da terra) cultivadas com produtos que se destinam ao comércio (algodão) ou ao próprio consumo familiar (milho, feijão, batata doce, mandioca etc.). Os produtos industrializados de que necessitam (óleo, açúcar, gás, roupas, calçados etc.) são adquiridos no município de Santa Amélia com o dinheiro que recebem por meio da prestação de serviços temporários que realizam esporadicamente nas fazendas da região e em serviços que exigem pouca qualificação como trabalhadores domésticos, pedreiros etc.

Na organização sócio-cultural Guarani, as relações são orientadas por laços familiares cujas famílias são grupos (casal, filhos, genros, netos, irmãos) que ocupam espaços dentro dos territórios, baseados em relações de afinidade e consangüinidade. O papel das redes de parentesco é ressaltado em todas as situações: distribuição das roças, das casas, dos empregos existentes na área, escolha das lideranças, participação em projetos governamentais, acesso as informações etc. Assim, a forma de organização social, política e econômica dos Guarani, tem como base os grupos familiares.

Cada família extensa tem uma liderança. Dependendo do poder e prestígio da família na área demarcada, a Terra Indígena, esta pessoa comporá o grupo de liderança do cacique tendo o papel de aglutinar os parentes, orientando-os política e religiosamente, determinando os espaços que ocuparão dentro do *Tekohá* e onde as famílias nucleares (pais e filhos) habitarão, plantarão suas roças e desenvolverão atividades econômicas de forma geral. Com relação à estrutura de poder, há modificações, como pode ser verificado abaixo:

No caso específico dos Guarani, o intento de aldeá-los levou à formação de mecanismos de controle e de exercícios de poder que exarcebam a importância dos *mburuvixa* como líderes políticos, papel ao qual foi superposto o de “capitão”, autoridade reconhecida pelo órgão tutelar como mediador entre a comunidade indígena e o Estado. Com essas mudanças as famílias extensas pertencentes a um determinado espaço territorial, embora mantendo os mesmos mecanismos de reciprocidade, encontraram-se impossibilitados de regular os conflitos uma vez que não podem deslocar-se livremente pelo território, permanecendo encapsulados em locais que consideram imutáveis. (ALMEIDA; MURA, 2003, p. 9).

As famílias cujos membros possuem um emprego com remuneração fixa (na área), ou aposentadorias são aquelas que têm melhores condições de vida. Já as famílias que dependem exclusivamente dos recursos oferecidos pela Terra Indígena enfrentam uma situação de muita privação, pois ainda que consigam produzir os alimentos básicos (arroz, feijão, mandioca, abóboras), não têm como comprar os demais produtos que precisam (óleo, café, açúcar, sabão, roupas, calçados etc.).

Não existe no entorno da T.I. Laranjinha áreas de matas nativas preservadas. Com exceção de alguns poucos hectares, preservados dentro da própria aldeia. É drástica a devastação ambiental ocasionada pelo modelo de ocupação moderna da região que ocasionou grande desgaste do solo. Com a floresta destruída, as espécies da flora utilizadas para artesanato e medicamento desapareceram. Na pequena mata (cerca da 10 alqueires) preservada dentro da T.I. vivem alguns animais, como o tatu, o porco do mato, a capivara e a jaguatirica, sendo da caça desses animais (cada vez mais escassos) que provém parte da fonte de proteína de algumas famílias.

No Laranjinha não existe roça coletiva. O “Projeto de roça coletiva da FUNAI”, funcionou do final dos anos de 1970 até o ano de 1995, ocasião em que conflitos internos acirrados com a entrada de igrejas na área, rupturas familiares, transferências forçadas inviabilizaram a continuidade da roça comunitária

Reunidos em uma pequena parcela de terra cujo entorno está totalmente devastado, os Guarani da Laranjinha não podem mais viver como seus antepassados, quando havia extensas áreas disponíveis para a execução de suas atividades agrícolas, a utilização do sistema de rotação de roças – manejo ecológico do ambiente – para a produção de alimentos, a caça e coleta. Na impossibilidade de reproduzir seu sistema de reciprocidade, perderam sua língua materna e, junto com ela boa parte de seus conhecimentos e tradições.

A devastação ambiental do entorno acabou com os animais sagrados com os quais os antigos rezadores se comunicavam nos sonhos para receber informações, avisos, ensinamentos. Com a perda da língua – ocorrida gradativamente desde meados de 1940 e consolidada quando a *oyguatsu*, casa de reza, foi fechada em 1991 – os valores sagrados, transmitidos por meio da *palavra*, foram sendo substituídos por novos valores, veiculados pela língua portuguesa, pelos meios de comunicação de massa (rádio e televisão) alterando sobremaneira a forma de ver e entender o mundo.

Estes elementos somados as dificuldades de subsistência tem levado, cada vez mais, principalmente os jovens, sofrem em relação às perspectivas de um futuro incerto.

Os jovens Guarani casam-se por volta dos 16/18 anos e as mulheres geralmente quando tem entre 14 e 17 anos. Segundo a tradição, os novos casais constituem residências uxorilocalmente, ou seja, após o casamento passam a viver na localidade do pai da mulher, no qual o esposo passa a fazer parte do grupo político e econômico do seu sogro. Embora esta seja uma regra da tradição, podem ser observados diferentes arranjos feitos para atender as necessidades da sobrevivência. Nestas reorganizações estão, principalmente, as estratégias de retomada de Terras, porém como este é um processo longo, nem sempre o grupo consegue, autonomamente, promover o bem estar de todos.

O forte desejo de consumo de produtos industrializados, estimulado pela mídia que chega cada vez mais aos jovens indígenas por meio de rádios e televisão; disputas internas, adultérios, brigas por motivos torpes, espancamentos, agressões e outras manifestações de violências crônicas geradas pela falta de perspectivas, pelo alcoolismo, grassam as aldeias em seu cotidiano, tornando as pessoas, os jovens particularmente, vulneráveis às alternativas “fáceis” e ilícitas para ganhar dinheiro, ou às “difíceis” como é o caso de muitos que, por falta de uma escolarização mais ampla, de acesso a informações, aceitam condições de trabalho desumanas beirando à escravidão (*Violência contra os povos indígenas no Brasil. Relatório 2006-2007*).

As dificuldades de sobrevivência enfrentadas pelos grupos além de ter-lhes causado a perda da língua, tem promovido o rompimento dos laços familiares e grupais afetando as formas nativas de transmissão dos conhecimentos da cultura.

Neste sentido, considera-se de suma importância o apoio institucional do governo, das universidades e de organizações sem fins lucrativos para o fortalecimento das lutas indígenas.

Extensão e intervenção pedagógica em Terras Indígenas Guarani Nhandewa

O projeto *Ouvir dos velhos, contar aos jovens: memórias, histórias e conhecimentos Guarani Nhandewa no Paraná*, atua nas comunidades indígenas Guarani Nhandewa do norte do Paraná, tendo como objetivos contribuir com o fortalecimento da cultura por meio do registro das narrativas dos velhos falantes da língua nativa, sistematizações e disseminação junto às crianças e jovens indígenas, em intervenções pedagógicas que estimulam a criatividade e expressividade com vistas à elaboração de materiais de apoio ao letramento de jovens e crianças nas Terras Indígenas Laranjinha, Pinhalzinho e Posto Velho (Ivyporã e Aray Wera) no Paraná.

O projeto tem uma característica interdisciplinar abrangendo as áreas de educação, linguagem, história, cultura e ciências sociais visando promover um ambiente para troca de experiências e diálogos envolvendo etno-conhecimentos, técnicas de pesquisa, registro e disseminação da memória Guarani visando auxiliar na elaboração/sistematização de uma pedagogia que consiga inserir a transmissão oral dentro do currículo escolar; valorizar a relação educação e cultura e, assim, contribuir para a melhoria dos índices de letramento entre jovens Guarani, como também colaborar para a elaboração de um currículo escolar que obtenha da arte, da literatura, da dramaticidade, das narrativas uma maior abrangência nas práticas dos professores e da equipe pedagógica que atua nas escolas indígenas.

Do o ponto de vista cultural espera-se estimular o fortalecimento da identidade étnica e contribuir com a vinculação de jovens e crianças à cultura Guarani Nhandewa. Enquanto que no âmbito social objetiva-se valorizar a identidade indígena por meio de uma especial atenção a jovens e crianças, incentivando o protagonismo juvenil indígena. Nesse sentido, são criadas estratégias registro para estimular a discussão entre os grupos visando a organização de Bancos de Dados nos quais se possa organizar os saberes indígenas. Em relação à coleta, sistematização e publicação das narrativas dos velhos, objetiva-se também instrumentalizar professores Guarani e acadêmicos indígenas recém formados na pesquisa e elaboração de materiais didáticos étno-culturais.

A metodologia utilizada propicia a participação efetiva da comunidade indígena por meio de reuniões comunitárias, diálogos, registros, discussões e ações educativas conjuntas, o que possibilita pensar sobre a identidade e cultura indígenas, contribuindo, assim, para a constituição de conhecimento significativo e de uma prática educativa intercultural que abrange conhecimentos tradicionais e conhecimentos científicos. Além disso, essa

metodologia participativa possibilita o alcance amplo de dimensões sócio-culturais e o reconhecimento dos grupos indígenas como protagonistas, sujeitos portadores de conhecimentos e experiências que necessitam ser compreendidas, respeitadas e salvaguardadas.

Conclusão

Na medida em que os grupos Guarani foram aldeados em pequenas áreas ficando a elas delimitados, certas estruturas sociais tornaram-se necessárias, tais como: escolas, serviços de saúde, saneamento básico, técnicas de produção de alimentos, etc. Porém as sociedades indígenas apresentam dinamismos sociais e culturais singulares, suas instituições respondem a desafios diferentes daqueles enfrentados por outras sociedades procurando ajustar modalidades de organização institucional de outras sociedades às suas especificidades, o que corresponde a novos desafios no que se refere à sua reprodução social e cultural.

Neste processo, muitas vezes, as redes de produção e transmissão nativas de conhecimentos ficam comprometidas devido às imposições sociais da sociedade majoritária e os jovens tendem a achar que as idéias dos velhos são antigas, ultrapassadas, que suas experiências de vida não terão muito utilidade e que os conhecimentos milenares do qual são depositários não lhes serão úteis para a vida moderna. Neste sentido, julgamos importante contribuir com uma maior visibilidade da presença das tradições indígenas presentes nas práticas sociais cotidianas das comunidades.

Desta forma, o projeto *Ouvir dos velhos, contar aos jovens: memórias, histórias e conhecimentos Guarani Nhandewa no Paraná* visa a revitalização da memória dos velhos falantes da língua nativa, para, sistematizadamente, disseminá-las entre os jovens por meio da escola indígena.

Esta disseminação sistematizada (não espontânea) da memória dos velhos Nhandewa, falantes da língua Guarani por meio de textos escritos, dramatização e ilustração feitas pelas próprias crianças e jovens, tem como uma das finalidades contribuir com a criação de uma literatura indígena propriamente dita pois, [...] é a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. [...] (LAJOLO, 2005, p. 106).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. F. T. de; MURA, F. Guarani Kaiowa e Nãndeva. **Outubro/2003. Disponível em: www.socioambiental.org**. Acesso julho de 2009.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso.** Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

BARROS, Valéria E. N. **Da casa de rezas à Congregação Cristã no Brasil: o pentecostalismo guarani na Terra Indígena Laranjinha/Pr. Santa Catarina, 2003.** Dissertação de Mestrado.

FAUSTINO, Rosangela C. **Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena.** 335p. Tese de Doutorado em Educação, CED/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem Tekohá não há Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Rio Jacuí-RS.** Porto Alegre ,1993 – Dissertação de mestrado.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** São Paulo: EPU, Ed da Universidade de São Paulo, 1974.